

PICADEIRO DE AUTONOMIAS

PRISCILA BRAGA¹; ANDRÉ ZIEGLER²;
MIGUEL MONTEIRO GALLO³;
OLIDES LUAN TAVARES BOLZON⁴;
PROF. ME. PAULO RENATO VIEGAS DAMÉ⁵

¹Aluna do Curso de Artes Visuais Bacharelado da UFPEL.

bragaresendepriscila@gmail.com

²Aluno do Curso de Artes Visuais Bacharelado da UFPEL, bolsista PROEXT

aa.martinz02@gmail.com

³Aluno do curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPEL, bolsista PROEXT

leugimmgallo@hotmail.com

⁴Aluno do curso de Artes Visuais Licenciatura, bolsista graduação

elbode@live.com

⁵Professor Orientador adjunto do Centro de Artes da UFPEL

paulodame@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo parte do percurso trilhado por mim desde minhas experiências circenses até meu processo de formação em poéticas visuais e um acontecimento em especial durante este percurso: a chegada de um novo ser em minha existência. Com a maternidade passei a refletir e ressignificar algumas esferas da vida, onde parte destas reflexões se transformaram em trabalhos artísticos.

Aqui apresento o mais recente trabalho realizado no Curso de Artes visuais CA/UFPEL onde, além das questões da maternidade e da necessidade de autonomia, também foi projetada a transformação do antigo picadeiro circense, dependente de normas e distante do público, em um picadeiro mais autônomo, sem demarcações territoriais e distanciamentos entre artista e público, em que todos constroem juntos o trabalho artístico, de maneira compartilhada e colaborativa. Neste sentido de construção em conjunto é que está um dos principais pilares do conhecimento (DELORS, 1998) capazes de contribuir para a formação tanto de trabalhos artísticos, quanto de uma nova vida que chega a este mundo. Desta forma já estaremos atentos para o modo que nos relacionamos e como estamos construindo a teia da vida.

Neste trajeto percebi mudanças em direção ao afastamento de um trabalho de maneira mais convencional, ou seja, onde estava presente a produção dentro de um picadeiro circense (com um diretor), e mais tarde dentro do curso de artes visuais com trabalhos de fotos, vídeo ou a realização de ações, ambos apresentados de maneira mais isolada e mostrado para um público silencioso e retraído. Em *Tenda/ tenda e se estenda*, o objeto se apresenta mais como um dispositivo de encontro, ou um dispositivo relacional (BORRIAUD, 2009), onde o público não é mais um observador, mas assume uma participação definidora para a produção de sentido colaborando na construção do trabalho. Neste sentido Laddaga (2012) sinaliza para uma mudança nas artes que vem ocorrendo a partir de meados dos anos setenta. Neste contexto alguns artistas tem se interessado menos em construir obras de arte e passado a propor *ecologias culturais* “comunidades experimentais, processos abertos e cooperativos formas de vida e mundos em comum (LADDAGA, 2012)”.

2. METODOLOGIA

A partir de uma série de transições e transgressões de vivências, em que algumas ficaram como experiências e outras ainda fazem parte do aqui e agora, de uma experiência plena e de imersão relacionada à matrescência¹, o tornar-se mãe acompanha um ajustamento a novas exigências, sendo preciso abandonar alguns papéis e reformular outros. Nesta reformulação também esta presente a reflexão sobre que tipo de habitat estamos fazendo parte e o que esta sendo oferecido para formação de uma nova geração. Acredito então que é preciso estar plenamente ativo no exercício da criação, da expressão e da busca pela liberdade, autonomia e sustentabilidade, tentando reinventar um ser humano mais crítico na tomada de decisões com afinidade ética e solidária por visar a diversidade de formação e do viver. Félix Guattari (2009) nos diz que temos três ecologias, onde o homem se relaciona: com o meio ambiente, com o outro (nas relações sociais) e consigo mesmo (na subjetividade humana), e que entre seus princípios comuns entre os territórios existenciais habitados por elas esta a possibilidade de uma

“abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo ‘habitável’ por um projeto humano. É essa abertura práxica que constitui a essência desta arte da ‘eco’ subsumindo todas as maneiras de domesticar² os territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade (GUATTARI, 2009)”.

E a partir destas reflexões sobre as experiências vividas até aqui, e o entrecruzamento delas com as questões de Borriaud, Laddaga e Guattari é que nasceu o trabalho *Tenda/ tenda e se estenda*. que assim como o processo gestacional, onde o corpo da mãe se transforma lentamente para abrigar e esperar por um novo ser, enquanto esta pequena vida vai aos poucos se desenvolvendo e amadurecendo até estar pronto para nascer, e quando nasce continua a se desenvolver e logo já caminha com suas próprias pernas, pertencendo ao mundo. Percebo a criação artística também como um processo gestacional, aonde o corpo/artista se prepara, localizando-se entre a ideia conceitual do trabalho e sua prática, ambos os momentos de criação. Ele se prepara através de experiências e saberes para gerar um trabalho, que ao atingir certa maturidade nasce, e por um bom tempo continua seu desenvolvimento, agora visível ao mundo exterior. E muitas vezes com o amadurecimento, vem a autonomia de alguns trabalhos, principalmente naqueles em que existem desdobramentos, como é o caso da *Tenda*, que nasceu como uma tenda de tecido vermelho, com uma determinada proposta ainda tímida, e pouco eficiente em relação à troca, mas que aos poucos foi se transformando, expandindo e se tornando maior e mais potente.

3. RESULTADO E DISCUSSÕES

¹ Tornar-se mãe, termo cunhado por Dana Raphael, em seu célebre livro, *The Tender Gilt* (livre tradução: *O presente suave: amamentação*).

² Guattari nos explica que a raiz *eco* é aqui entendida em sua acepção original grega: *oikos*, que significa casa, bem doméstico, habitat, meio natural.

A *Tenda como Tenda: tenda e se estenda* se trata de um longo tecido vermelho, com uma transparência que forma uma espécie de tenda, que fica suspensa a determinada altura que possibilita e convida os fruidores a adentrá-la. Nela está inscrito, através da costura também em vermelho, palavras como: ancestral, magia, energização, poder, sagração entre outras. E no seu interior tem um tapete, almofadas, velas suspensas, incensos, essências de óleos, massageadores de vários tipos, e massagistas, instrumentos musicais, livros, entre outros. Algumas pessoas entravam na tenda e sentavam-se ou deitavam-se, conforme sua escolha e eram livres para fazer o que desejassem.

Todos esses elementos que estavam na tenda eram usados em uma espécie de ritual. Com o seu desdobramento o trabalho começou a ser compartilhado com a amiga Ana Julia Fortuna em espaços culturais, ela também já vinha lidando com questões ritualísticas. Estando dentro da Tenda e intuindo o que o experienciador necessitava o que fazíamos, de forma ritualística e com intuito de contribuir com esta procura (necessidade), era a proposta, de uma espécie de “limpeza” que, entre outros pontos, também afastasse as imposições das culturas dominantes, que podem obstruir as afinidades, particularidades e relações do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, com o objetivo de impulsionar/clarear suas perspectivas e forças de formação. Depois deste processo, as pessoas eram sutilmente “despertadas” com um abraço e com muito amor, também lhes era oferecido um chá quentinho.

Porém esta era apenas uma parte do que acontecia dentro da tenda, lá, também, sucedia danças, em meio ao processo de limpeza, conversas, algumas até profundas e confidentes. Dava-se ali trocas de saberes e energias, através do sensível e o imaginário, que pulsavam o fazer artístico como uma alternativa de formação, uma formação sensível.

Percebíamos a beleza da proposta, pelas pessoas simplesmente entrarem e estarem dispostas a experimentar algo que nem elas, e às vezes nem nós sabíamos bem o que era, havia certa dose do acaso, mas este acaso, também era dado pela percepção, pela sensibilidade com o momento/experiência. Nossa intenção também era: “Provocar uma situação de arte, onde é possível que ocorra algo após a pessoa se dispor a passar por esta experiência, diálogos, observações, idéias, reações e outras iniciativas”. (FERVENZA, 2007). E desta maneira lançamos sementes que também podem ser disseminadas em outros espaços. Sentíamos também o encanto da troca de algo que não é material, que não está dentro desta cadeia onde o principal objetivo é o lucro.

A *Tenda* ao ser disseminada, foi instalada apenas por Ana Julia em outra cidade e espaço cultural era possível perceber que o trabalho artístico estava criando pernas, como o filho que cresce, e conquista autonomia suficiente para circular por vários lugares tendo a construção em conjunto de diferentes pessoas, sempre tentando observar e respeitar suas realidades, assim como a diferença territorial dos espaços onde a *Tenda* já passou e ainda poderá passar, e por isso todas as vezes que usamos a idéia da tenda, ela foi se transformando, e pra cada lugar, é um tipo de intenção tanto no interior quanto no exterior dela. Penso a tenda não como um objeto para ser somente visto, mas um lugar para estar, interagir e vivenciá-lo, caminhando assim poeticamente para a contribuição de tornar um território mais humano e habitável.

4. CONCLUSÃO

Ao passar por vivências nas artes circenses, o curso de artes e as experiências da maternidade percebo como considerações finais, principalmente na *Tenda*, como elementos do circo da qual me afasto inicialmente, reaparecem ressignificados, sem o aspecto espetacular, este novo picadeiro, que se transformou em *Tenda* esta em um lugar mais autônomo, onde as construções são realizadas em conjunto e não por uma única pessoa que dita as regras. Outro aspecto que foi transformado é o distanciamento entre artista e público que havia neste antigo picadeiro, e agora passamos todos a ser fruidores deste mesmo espaço. Também encontro maneiras mais apropriadas de mostrar ou montar este trabalho, em lugares cotidianos como feiras, ou dentro de eventos culturais maiores. Outro aspecto é a colaboração, que já aparecia em trabalhos anteriores, mas em *Tenda*, assume uma dimensão maior, quando Ana Julia monta a tenda ela mesma, sem minha participação direta. Nesta situação percebo a dimensão que o trabalho assume se distanciando das mordças da autoria tão presentes em trabalhos mais convencionais, percebendo também que desta forma o trabalho se expande tornando-se maior e mais potente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BOURRIAUD, N., **Estética Relacional**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2009.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

LADDAGA, R. **Estética da Emergência**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Artigo

FERVENZA, H. **Limites da Arte e do Mundo: Apresentações, Inscrições, Indeterminações**. Cleomar de Souza Rocha (org.). Salvador. Anais 15 ANPAP, 2007.

Documentos eletrônicos

DELORS, Jaques. **Educação um tesouro a descobrir**. In: COMISSÃO INTERNACIONAL SOBRE A EDUCAÇÃO PARA O SÉC. XXI. COMITÊ PAULISTA PARA A DÉCADA DE CULTURA DE PAZ. Acessado em: 20 mar 2014. Online Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/dellors.htm>